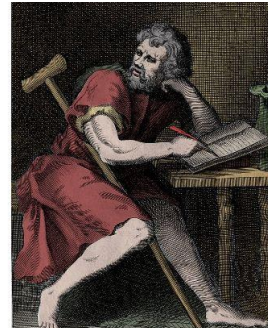


ISSN: 2176-5960

Προμηθεύς

Journal of Philosophy

n. 50, Janeiro-Abril 26



A RECONVERSÃO DE STOCKDALE COM A INTEGRAÇÃO TEÓRICA DE EPICTETO

STOCKDALES'S RECONVERSION WITH THE THEORETICAL INTEGRATION OF EPICTETUS

*Robson Clair da Silva*⁵³

RESUMO: Este artigo analisa a transformação psicológica e ética vivida por James Stockdale, examinando o processo de reconversão que marcou sua trajetória. Esse processo é interpretado como uma integração entre sua formação militar e os princípios do estoicismo de Epicteto. Desde os primeiros anos na Academia Naval de Anápolis, Stockdale foi imerso em valores de disciplina, dever e honra. Durante seu cativeiro em Hanói, na Guerra do Vietnã, encontrou no Manual de Epicteto um guia filosófico que lhe proporcionou lucidez e dignidade frente ao sofrimento extremo. O estudo procura compreender como a convergência entre a ética militar e o pensamento estoico sustentou sua resiliência e integridade moral. Propõe-se ainda discutir a relevância dessa experiência para pesquisas de doutorado sobre a reintegração de ex-combatentes à vida civil, apresentando o estoicismo como instrumento ético e psicológico para enfrentar os desafios do pós-guerra.

PALAVRAS-CHAVE: Stockdale; Estoicismo; Reconversão; Formação Militar; Reversão; Filosofia Prática.

ABSTRACT: This article analyzes the psychological and ethical transformation experienced by James Stockdale, examining the reconversion process that marked his trajectory. This process is interpreted as an integration between military training and the principles of Epictetus' Stoicism. From his early years at the Annapolis Naval Academy, Stockdale was immersed in values of discipline, duty, and honor. During his captivity in Hanoi, in the Vietnam War, he found in Epictetus' Manual a philosophical guide that provided him with lucidity and dignity in the face of extreme suffering. The study seeks to understand how the convergence between military ethics and Stoic thought supported his resilience and moral integrity. It also aims to discuss the relevance of this experience for doctoral research on the reintegration of former combatants into civilian life, presenting Stoicism as an ethical and psychological tool to face post-war challenges.

KEYWORDS: Stockdale; Stoicism; Reconversion; Military Training; Reversion; Practical Philosophy.

⁵³ Bacharel em Administração pela UFRRJ, Mestre e Doutorando em Metafísica pela UnB.

Introdução

O estudo busca investigar a transformação psicológica e ética vivida por James Stockdale, piloto da Marinha norte-americana e prisioneiro de guerra durante o Vietnã. Essa transformação ocorreu de forma contínua, a partir do diálogo entre sua formação militar e os princípios do estoicismo, especialmente os ensinamentos de Epicteto. A trajetória de Stockdale evidencia como uma filosofia antiga pode orientar ações em experiências extremas, sustentando autonomia interior, resiliência e integridade moral.

Na Academia Naval de Anápolis, Stockdale foi imerso em valores como honra, dever e disciplina, que moldaram sua identidade moral e profissional. Mais tarde, o Manual de Epicteto forneceu estrutura filosófica capaz de reforçar esses valores, oferecendo sentido diante do sofrimento físico e psicológico do cativo.

Este trabalho procura compreender como a convergência entre ethos militar, pensamento estoico e experiências traumáticas moldou a resposta ética e emocional de Stockdale, com atenção a temas como honra, medo, vergonha, culpa e camaradagem. Propõe-se, ainda, aprofundar essa reflexão em pesquisas sobre a reintegração de ex-combatentes à vida civil, considerando o estoicismo como recurso ético e psicológico para enfrentar dilemas existenciais pós-guerra.

Estoicismo e Formação Militar: uma conexão a ser resgatada

A formação militar de Stockdale na Academia Naval de Anápolis evidencia convergência com os preceitos do estoicismo, cuja tradição remonta a Esparta e encontra expressão no *Encheirídion* de Epicteto. Essa convergência não se limita à sobreposição de valores, mas revela articulação entre ethos institucional rigoroso e filosofia prática que orienta o indivíduo a agir com virtude, resiliência e autonomia diante das adversidades. Um princípio central do estoicismo, no Manual de Epicteto (Epicteto, *Encheirídion*, 1.4), recomenda concentrar-se no essencial, evitando distrações e interesses secundários. Essa orientação encontra correspondência na disciplina militar, que exige dedicação à carreira e construção de liderança sólida, refletindo o empenho em valores superiores como honra, dever e integridade moral. No campo do autocontrole e da ética, outro ensinamento estoico (Epicteto, *Encheirídion*, 2.4) enfatiza refletir sobre a qualidade das ações, considerando circunstâncias e pessoas envolvidas. Stockdale vivenciou tal princípio na Academia Naval, onde decisões éticas eram essenciais à formação de um oficial

exemplar. O domínio dos impulsos e o cultivo da razão foram decisivos para preservar sua integridade em situações extremas. A distinção estoica entre eventos externos e interpretações internas (Epicteto, *Encheirídion*, 29.5) permitiu a Stockdale dissociar-se do sofrimento imposto pela prisão, concentrando-se no controle de respostas emocionais e cognitivas. Metáforas como a do navio (Epicteto, *Encheirídion*, 7) e o exercício da visualização da morte (Epicteto, *Encheirídion*, 21) reforçaram sua capacidade de enfrentar adversidades sem perder o foco nos valores fundamentais. Assim, o estoicismo complementou a formação militar, permitindo a Stockdale enfrentar a guerra com postura ética, psicológica e moralmente sólida. Observa-se afinidade entre sua formação e a paideia espartana, cujo treinamento visava moldar cidadãos virtuosos e guerreiros disciplinados. A agôgê espartana reforçava coragem, temperança e obediência à razão; de forma análoga, Stockdale foi formado sob austeridade e honra. Platão (*República*, III, 410c-412b) ressaltava que educação militar exige fortalecimento do corpo e cultivo da alma racional. A analogia entre Esparta e Anápolis encontra eco em Foucault (*A Hermenêutica do Sujeito*) ao discutir “tecnologia de si”, práticas de formação ética por disciplina e reflexão constante. Em Stockdale, o exercício estoico de autocondução reflete essa técnica, cultivada também entre espartanos como virtude cívica e militar (Foucault, 2004). O ideal de andréia (coragem) conecta batalhas termopílicas e celas vietnamitas. Stockdale, ao sustentar firmeza diante do sofrimento, exemplifica a coragem definida por Aristóteles (*Ética a Nicômaco*, III, 7) como equilíbrio racional entre medo e temeridade. Sua trajetória sintetiza o ideal do *homo militaris philosophicus*, em que razão e espada coexistem sob princípios éticos. O estoicismo funciona como ponte entre a pólis antiga e o Estado contemporâneo, entre a agôgê e Anápolis, entre Leônidas e Stockdale, todos movidos pelo imperativo de viver e morrer com virtude.

O Encheirídion e a Disciplina Estoica na Experiência de Stockdale

Apesar de sua origem antiga, o *Encheirídion* de Epicteto mantém-se relevante, sobretudo por tratar questões centrais da vida humana, como autocontrole, serenidade diante das adversidades e busca por uma vida ética fundamentada na autonomia interior. Frequentemente considerado um guia prático de filosofia, o texto sintetiza princípios essenciais do estoicismo, destacando a importância de diferenciar claramente o que depende de nós — pensamentos, atitudes e ações — do que está fora de nosso alcance,

como acontecimentos externos ou circunstâncias da realidade. Como afirma Epicteto, “Das coisas que existem, algumas dependem de nós e outras não dependem de nós” (Epicteto, *Encheirídion*, 1).

Nesse contexto, a experiência de Stockdale durante o cativeiro na Guerra do Vietnã revela a aplicação concreta do estoicismo como disciplina existencial. Para ele, o estoicismo representou uma prática viva, que sustentou sua sobrevivência e preservou sua integridade moral mesmo em condições extremas de prisioneiro. Sua trajetória reafirma a atualidade do *Encheirídion* como manual de vida. A ética da autonomia interior e do domínio de si demonstra a força do estoicismo como filosofia prática, muitas vezes mal interpretada por leitores que não percebem que tudo se centra na “vida interior” do indivíduo. Os estoicos relativizam a dor física, mas não por vaidade. Eles a contrastam com a devastadora angústia da vergonha, que homens bons sentem ao perceberem, em seu íntimo, que falharam no dever para com seus companheiros ou Deus (Stockdale, 2024, Prefácio). A interpretação superficial ocorre porque muitos entendem Epicteto de forma limitada. Para os estoicos, o foco é a “vida interior”: controlar emoções e preservar a virtude diante das dificuldades. A dor física é passageira; a vergonha ou remorso por não cumprir o dever é sofrimento mais intenso. Epicteto, como os demais estoicos, valoriza a integridade moral acima do conforto corporal. O homem bom sofre mais ao falhar em agir com justiça, coragem e responsabilidade. Essa consciência provoca angústia interior mais intensa que qualquer dor física. A filosofia estoica ensina a viver segundo valores éticos, mantendo serenidade interior mesmo frente a adversidades externas. Portanto, a dor física não é ignorada, mas relativizada. O desafio, segundo os estoicos, é cultivar uma vida interior firme e virtuosa, capaz de suportar provações sem perder dignidade nem serenidade.

A integração explícita dos ensinamentos estoicos na vida de Stockdale

A incorporação consciente do estoicismo na vida de Stockdale ocorreu na Universidade de Stanford, quando teve contato direto com o *Encheirídion*. A leitura provocou transformação intelectual e moral profunda, consolidando a compreensão prática da ética estoica, que passou a guiar sua conduta, conforme transmitido por Phill em Stanford (Stockdale, 1995, p.21). Epicteto ensinou que não existe ser “vítima” de outro; a verdadeira vítima é quem se escraviza aos próprios pensamentos e emoções.

“Tudo depende de como você disciplina a mente. Quem é o seu senhor? Quem controla o que você valoriza? Qual é o resultado a que toda virtude almeja? Serenidade. Mostre-me um homem que, embora doente, é feliz; que, embora em perigo, é feliz; que, embora na prisão, é feliz, e te mostrarei um estoico” (Stockdale, 2024, Prefácio). O mestre estoico enfatiza que o poder sobre a mente define a liberdade. Perguntas como “Quem é o seu senhor?” provocam reflexão: somos dominados por medos e paixões ou mantemos controle racional sobre escolhas? A disciplina mental é caminho para liberdade; a virtude, para a serenidade, estado de paz interior independente das circunstâncias. Epicteto mostra que a felicidade não depende do ambiente, mas da resposta a ele. Ao citar “um homem doente, feliz”, ilustra que domínio interno e cultivo da virtude são fundamentais. Essa mensagem inspira busca por autocontrole, resiliência e liberdade verdadeira. Os estoicos romanos cunharam a expressão *Vivere Militare!* — “Viver é ser um soldado!”. Epicteto, nas *Diatribes*, afirma: “Não sabes que a vida é um serviço militar? Um deve montar guarda, outro patrulhar, outro ir à batalha. Não percebes a que condição miserável levarás o exército, se negligenciares responsabilidades diante de ordens severas?” (Stockdale, 2024, Prefácio). A expressão sintetiza a visão estoica da vida como exercício de disciplina, dever e resistência, semelhante à vida militar. Cada indivíduo cumpre papel essencial, e negligência compromete não apenas a si, mas todo o “exército” — a comunidade ou humanidade. Vida como serviço militar é convite à vigilância, prontidão e coragem diante de desafios. Epicteto alerta que evitar dificuldades é falhar na missão. O estoicismo propõe postura ativa e consciente, em que disciplina interna e dever moral sustentam bem comum e realização pessoal. A filosofia valoriza compromisso com a vida, mostrando que força verdadeira está na perseverança e no cumprimento de deveres, mesmo em situações duras ou injustas.

Filosofia Antiga, Habitus e Transformação Pessoal

Platão, nos textos da *República*, sublinha o papel do domínio racional sobre impulsos e paixões desordenadas. Para ele, a alma deve ser regida pela razão, que orienta desejos e emoções em direção ao bem, estabelecendo harmonia interior que sustenta a virtude (Platão, *República*, IV, 443a– 444c), invocando a formação do caráter para alcançar virtude e justiça. Essa harmonia entre razão, vontade e emoção encontra eco na postura de Stockdale, cuja serenidade diante de tortura e humilhação reflete o equilíbrio

interior que Platão descreve como expressão máxima de justiça e ordem da alma. Epicuro, embora siga perspectiva distinta, também apresenta a serenidade, ou ataraxia, como bem supremo. Em sua filosofia, distinguir desejos naturais e necessários de vãos e supérfluos é essencial para a tranquilidade interior (Epicuro, Carta a Meneceu). No caso de Stockdale, essa serenidade epicurista, assimilada complementarmente à formação estoica, forneceu base emocional para suportar a privação e manter paz interior nas condições mais degradantes do cativo. O ideal socrático do autoconhecimento, expresso na máxima délfica “conhece-te a ti mesmo”, atravessa essa tradição e é central para compreender a postura reflexiva de Stockdale. Assim como Sócrates, que via na filosofia um exercício espiritual e ético (Platão, Apologia, 38a), Stockdale concebia o pensamento como resistência moral: meio de examinar reações, fortalecer caráter e preservar integridade do eu. No âmbito das sociologias contemporâneas, a teoria do habitus de Pierre Bourdieu ajuda a compreender como processos éticos e psicológicos são moldados por fatores sociais e culturais. O habitus, como sistema de disposições duráveis e transferíveis, resulta da socialização e de práticas reiteradas dentro de um campo, que, no caso de Stockdale, é a instituição militar (Bourdieu, 1979). Bourdieu mostra que comportamento individual surge da interação entre estruturas sociais e agência pessoal: o indivíduo internaliza normas e valores que orientam escolhas, mantendo margem de autonomia para reinterpretá-los e transformá-los. Assim, a trajetória de Stockdale evidencia convergência entre filosofia antiga e teoria sociológica. A formação na Academia Naval de Anápolis ofereceu ambiente disciplinar rigoroso, no qual hábitos de controle, coragem e liderança foram cultivados intensamente, configurando habitus militar alinhado às virtudes clássicas de Epicteto. Sua vivência extrema como prisioneiro, aliada ao contato profundo com pensamento estoico — especialmente o Encheirídion —, provocou verdadeira “reconversão” interior: reconfiguração do habitus que uniu razão ética e experiência vivida, moldando resistência moral singular (Stockdale, 1993, p.03). Essa transformação pessoal vai além da simples adaptação às circunstâncias, configurando síntese prática entre ética filosófica e ação militar, entre reflexão e experiência. Stockdale demonstra que formação de hábitos virtuosos, interiorização crítica dos valores, exercício da liberdade e constante revisão de convicções diante da adversidade são essenciais para resistir moralmente.

Reconversão: Retorno e Reorganização

A reconversão, entendida como retorno reflexivo e integrador, diferencia-se da conversão inicial por não representar ruptura, mas reorganização dinâmica entre saberes, valores e experiências preexistentes e novas (Oxford English Dictionary, 2025, [s.p.]; Cambridge Dictionary, 2025, [s.p.]). Diferentemente da conversão radical, que implica abandono de antigas crenças, a reconversão pressupõe síntese amadurecida: o sujeito revisita convicções anteriores à luz de novas compreensões, instaurando diálogo contínuo entre passado e presente (Merriam-Webster Dictionary, 2025, [s.p.]; APA Dictionary of Psychology, 2025, [s.p.]). Essa concepção encontra paralelo na filosofia grega, especialmente na noção platônica de anámnese, o “recordar-se” das verdades esquecidas pela alma ao longo da experiência sensível (Platão, Menon, 81c–86b). Tal como a reconversão, a anámnese expressa retorno ao que já estava potencialmente inscrito no interior do sujeito. Para Platão, aprender não consiste em adquirir algo novo, mas reativar saber latente. De modo análogo, Stockdale, ao se deparar com o Manual de Epicteto, reorganiza princípios éticos que já integravam sua formação moral, reinterpretando-os sob nova perspectiva.

Na tradição aristotélica, essa dinâmica se manifesta na ideia de *enérgeia* — movimento de atualização da *dynamis* em direção ao ato (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, II, 4, 1105b). Sob esse prisma, reconversão pode ser entendida como atualização de disposições virtuosas já existentes, agora reconfiguradas pelo exercício da razão e da experiência. Aristóteles descreve o homem prudente (*phronimos*) como aquele que, ao refletir sobre suas ações, ajusta racionalmente hábitos e aprimora continuamente caráter. Trajetória de Stockdale ilustra esse processo ao combinar rigor ético da formação militar com sabedoria prática do estoicismo, transformando disciplina em lucidez e obediência em autodomínio racional. Na perspectiva estoica, Epicteto ensina que verdadeiro progresso (*prokopé*) não se dá pela acumulação de doutrinas, mas pela transformação do julgamento e do caráter conforme razão universal (*logos*) (Epicteto, *Diatribes*, I, 4). A reconversão, sob esse ponto de vista, expressa continuidade racional da filosofia: conhecimento se transforma em hábito e hábito em liberdade. Stockdale incorporou plenamente esse princípio ao reinterpretar experiências a partir da distinção entre o que está e o que não está sob seu controle, realizando reconversão prática que alia sabedoria, autocontrole e aceitação ativa do destino.

Em síntese, a reconversão em Stockdale representa atualização moderna de ideal antigo: retorno reflexivo à razão, virtude e autodomínio. Assim como filósofos gregos concebiam aprendizado como recordação e exercício ético como reorientação da alma, Stockdale reencontra, por meio do estoicismo, coerência entre pensamento e ação, entre passado e presente. Sua trajetória demonstra que reconversão não é recomeço, mas reordenação — anámnese moral que renova sentido da existência, transformando experiência em sabedoria e dor em discernimento (Epicteto, *Encheirídion*).

Sincretismo: integração e complementação de saberes

O sincretismo, em sentido amplo, refere-se à “combinação de diferentes religiões, culturas ou ideias” (Cambridge English-Portuguese Dictionary, s.v. syncretism). Em campos como antropologia e sociologia, termo deve ser compreendido não como mera sobreposição de elementos heterogêneos, mas como processo de interação, negociação simbólica e transformação mútua, capaz de gerar identidades híbridas e multifacetadas. Na tradição filosófica grega, ideia de síntese criadora reflete natureza do pensamento helênico, construído na busca constante de harmonia entre opostos. Heráclito, ao afirmar que “a guerra é o pai de todas as coisas e o rei de todas” (Heráclito, Fragmentos, DK 22B53), reconhece na tensão entre contrários força geradora do equilíbrio e da totalidade do real. Essa concepção dialética oferece base para compreender sincretismo como movimento vital de reconciliação das diferenças, em que diversidade não se anula, mas se integra em unidade mais ampla. Sob essa perspectiva, síntese proposta por Stockdale reflete integração da disciplina militar com serenidade reflexiva do estoicismo de Epicteto.

Platão, em *A República* e no *Timeu*, concebe harmonia como princípio ético e psicológico. Alma justa é aquela em que razão, vontade e desejo coexistem ordenadamente sob direção da razão. Estrutura tripartida ecoa na reorganização das experiências de Stockdale: disciplina militar, associada à parte irascível da alma, é temperada pela razão filosófica, resultando em síntese entre ação e contemplação (Platão, *República*, IV, 441d–444c). Trata-se de sincretismo ético, em que força e sabedoria, obediência e reflexão coexistem.

Aristóteles aprofunda integração por meio da *phronesis*, ou prudência, que permite aplicar princípios universais às circunstâncias concretas (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*,

VI, 5, 1140b). Sincretismo na trajetória de Stockdale pode ser visto como expressão viva dessa *phronesis*, pois ele traduz ideais estoicos em conduta diante do cativo e exigências da liderança militar. Atitude racional em meio à adversidade materializa união entre teoria e prática, transformando filosofia em instrumento de sobrevivência e orientação moral (Hadot, 1995, p. 265). Essa fusão conecta-se à concepção estoica de sentido universal, segundo a qual tudo participa de razão cósmica. Para estoicos, viver conforme a natureza significa alinhar própria razão à razão do mundo, cultivando domínio de si e integridade moral (Epicteto, *Encheiridion*, 1). Stockdale incorporou esses princípios ao preservar coerência ética e autocontrole mesmo diante de situações extremas. Seu sincretismo estoico-militar não anulou individualidade; pelo contrário, ampliou-a, transformando experiência bélica em campo de realização ética e aplicação prática da filosofia, expressão viva de *phronesis*. Segundo Epicteto (*Epicteto, Encheiridion*, 1), sincretismo vivido por Stockdale manifesta prática da distinção entre o que depende e o que não depende de nós. Ao alinhar ações à razão, ele preservou integridade moral e autonomia interior, transformando experiência extrema do cativo em exercício de sabedoria prática, em que disciplina e serenidade coexistem harmonicamente.

Considerações Finais

A análise dos processos de conversão, reconversão e sincretismo na trajetória de Stockdale evidencia a complexidade das transformações pessoais em contextos de tensão e crise. Sua experiência demonstra como articulação entre vivência prática e reflexão filosófica pode gerar identidade ética robusta e resiliente, capaz de sustentar decisões e comportamentos mesmo em situações extremas. Esses processos mostram que força moral não surge apenas da resistência física ou da disciplina externa, mas do cultivo interno de princípios sólidos, que orientam indivíduo diante de circunstâncias imprevisíveis e adversas. O estudo desses processos mostra também como integração de valores e princípios filosóficos, fundamentados no Manual de Epicteto, pode orientar conduta cotidiana, promovendo autocontrole, discernimento e clareza moral. Reflexão sobre essas etapas evidencia que transformação pessoal não ocorre de maneira linear, mas como movimento contínuo de ajuste entre experiências vividas, aprendizado intelectual e prática ética, em que cada desafio oferece oportunidade de reafirmar convicções e

aprimorar hábitos virtuosos. Compreender essas dinâmicas contribui para estudo do desenvolvimento moral e existencial, oferecendo insights relevantes para reintegração de ex-combatentes e aplicação do estoicismo como ferramenta frente às adversidades contemporâneas. Além disso, ressalta importância da educação ética e filosófica como suporte para resiliência emocional e construção de sentido em situações de sofrimento e conflito. Esse conhecimento evidencia como reflexão filosófica, aplicada à vida prática, transforma experiências traumáticas em oportunidades de aprendizado profundo, fortalecendo não apenas mente, mas também estabilidade emocional e capacidade de liderança em situações extremas.

Trajetória de Stockdale demonstra que cultivo da virtude, disciplina e reflexão crítica pode transformar experiências dolorosas em oportunidades de crescimento, fortalecendo identidade e promovendo equilíbrio interno. Sua história é exemplo inspirador de como reflexão e prática combinadas podem gerar desenvolvimento pessoal profundo e reforçar identidade moral, oferecendo lição duradoura sobre capacidade humana de superar adversidades com sabedoria, dignidade e propósito. Legado de sua vivência mostra que integridade ética e clareza de princípios não apenas preservam liberdade interior, mas também inspiram outros a buscar força, coragem e discernimento mesmo nos contextos mais desafiadores da existência humana.

Referências

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Torrieri Guimarães. 4. ed. Natal: UFRN — Coleção Humanitas, 2025. Disponível em: <https://humanitas.ufrn.br/Etica-a-Nicomaco.pdf>. Acesso: 30 out. 2025.
- APA. *Dictionary of Psychology*. Disponível em: <https://dictionary.apa.org/>. Acesso: 28 out. 2025.
- BOURDIEU, Pierre. *Esboço de uma teoria da prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. *La distinction; critique social du jugement*. Paris: Minuit. 1979.
- BOURDIEU, Pierre. *O senso prático*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- CAMBRIDGE DICTIONARY. 2025. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/>. Acesso: 29 out. 2025.
- CAMBRIDGE ENGLISH-PORTUGUESE DICTIONARY. *s.v. syncretism*. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionariesyncretism>. Acesso: 30 out. 2025.
- DINUCCI, A. *O Manual de Epicteto: aforismos da sabedoria* Cristóvão, EdiUFS, 2012.
- DINUCCI, Aldo. *Introdução ao Manual de Epicteto*. Sergipe: Editora UFS, 2012.
- DINUCCI, Aldo. *Manual do estoicismo: a visão estoica do mundo*. Editora UFS, 2012.
- EPICURO. *Carta a Meneceu*. In: EPICURO. *Obras Completas*. São Paulo: Editora UNESP, 2018.
- EPICTETO. *Discursos*. Tradução de Aldo Lopes Dinucci. São Cristóvão: Edições UFS, 2012.
- EPICTETO. *Manual*. Tradução de Mário da Gama Kury. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2008.
- EPICTETO; DINUCCI, Aldo Lopes; JULIEN, Alfredo. *O Encheirídion de Epicteto: edição bilíngue*. Tradução do texto grego e notas de Aldo Dinucci; Alfredo Julien. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe (EdiUFS), 2012. 96 p. ISBN 978-85-7822-224-6.
- EPICTETO. *Encheirídion de Epicteto: introdução, tradução e comentários*. Tradução de Aldo Lopes Dinucci e Alfredo Julien. Coimbra, 2014.
- EPICTETO. *Manual de Epicteto (Enchiridion)*. Tradução de Aldo Dinucci. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

EPICTETO. *As diatribes de Epicteto*: livro I. Tradução do grego, introdução e comentário de Aldo Dinucci. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021. ISBN 978-989-26-1925- DOI: <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1926-2>

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*: curso dado no Collège de France (1981-1982). Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

HERÁCLITO. *Fragmentos*. Tradução de José Cavalcante de Souza. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

OXFORD ENGLISH DICTIONARY. 2025. Disponível em: <https://www.oed.com/>. Acesso em: 30 out. 2025.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Tradução de Maria Lacerda de Moura. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

PLATÃO. *Ménon*. Tradução de Maura Iglésias. São Paulo: Loyola, 2008. PLATÃO. *A República*. São Paulo: Editora Abril, 2015.

PLATÃO. *Timeu*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

PSYCHOLOGY DICTIONARY. 2025. Disponível em: <https://dictionary.psychologydb.com>. Acesso: 30 out. 2025.

STOCKDALE, James B. *A tríade do guerreiro estóico*. Tradução de Aldo Dinucci. Prometeus – Filosofia em Revista, v.4, n.8, 2011.

STOCKDALE, James Bond. *Coragem Sob Fogo*: testando as doutrinas de Epicteto em um laboratório comportamental humano / organizado por Aldo Dinucci. Montecristo Editora, 2024.

STOCKDALE, J. (1995). *Thoughts of a philosophical fighter pilot*. Hoover Institution Press.

MERRIAM-WEBSTER. *Reconversion*. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com>. Acesso em: 17 out. 2025.

VOCABULARY.COM. 2025. Disponível em: <https://www.vocabulary.com/syncretism>. Acesso: 27 out. 2025.